

2015

EM DEBATE

OPINIÃO PÚBLICA E CONJUNTURA POLÍTICA

Um periódico do grupo de pesquisa Opinião Pública,
Marketing Político e Comportamento Eleitoral

Ano 7 - N.05
Dezembro de 2015
ISSN: 2176 - 4883



DOSSIÊ

Novas tendências em
Comunicação Política

Jairo Pimentel Jr.
Joscimar Souza Silva
Emerson Urizzi Cervi
Fernanda Cavassana de Carvalho
Jaqueline Kleine Buckstegge
Nayla Lopes

OPINIÃO
Juan Vicente Bachiller

RESENHA
Bruna Cavalcanti



Periódico Eletrônico do Grupo de Pesquisa
Opinião Pública, Marketing Político e Comportamento Eleitoral
Universidade Federal de Minas Gerais - Av. Presidente Antônio Carlos 6627
Campus Pampulha - CEP 31270-901 - Belo Horizonte - MG - Brasil - Tel (31) 34093823

É A ESTRATÉGIA DA CONFRONTAÇÃO UMA BOA ESCOLHA?

Juan Vicente Bachiller Cabria
Universidade Federal Fluminense
✉ juan.vicente.bachiller@gmail.com

Resumo: *A denominada estratégia da confrontação política tem sido definida como uma procura consciente pelo voto do eleitor mediano, fugindo dos clássicos temas da agenda situados no eixo esquerda-direita, através da crispação do debate público. Neste artigo argumenta-se que tal estratégia, embora possa render frutos positivos no curto prazo, tem efeitos imprevistos no futuro, favorecendo cenários de desafeição e de incerteza. O questionamento da idoneidade desta estratégia será avaliado através do uso feito pelo candidato presidencial Aécio Neves no atual contexto de crise econômica e política no Brasil.*

Palavras-chaves: *crise política; crise econômica; polarização; estratégia de confrontação.*

Abstract: *The so-called strategy of political confrontation has been defined as a conscious search for the vote of the median voter, fleeing from the classic agenda items located in the left-right axis, the slant of the twitching of public debate. In this article it is argued that such a strategy, although it can yield positive results in the short term, have unexpected effects in the future, favoring scenarios disaffection and uncertainty. The question of the suitability of this strategy will be evaluated through the employment made by Aécio Neves presidential candidate in the current context of economic and political crisis in Brazil.*

Keywords: *political crisis, economic crisis, polarization, strategy of conflict.*

O Brasil atravessa uma dupla crise econômica e política, que finalizou o ciclo virtuoso de uma década de crescimento com redistribuição e estabilidade institucional. As análises desta situação negativa tem sido inúmeras e desde variadas perspectivas, mas de modo geral a atual conjuntura poderia ser resumida da seguinte forma.

Finalizado o ciclo anterior favorável, baseado no *boom* das *commodities*, o primeiro governo de Dilma Rousseff foi incapaz de elaborar uma estratégia de desenvolvimento alternativa. Além disso, determinadas políticas – principalmente as desonerações fiscais as grandes empresas e a tentativa de

OPINIÃO
JUAN VINCENTE BACHILLER CABRIA
É A ESTRATÉGIA DA CONFRONTAÇÃO UMA BOA ESCOLHA?

controle dos preços da energia- contribuíram para agravar tanto o quadro de déficit fiscal como a inflação, cenário no qual se inaugurou o seu segundo mandato. Frente a este panorama, Rousseff começou 2015 impondo-se a tarefa urgente de empreender um ajuste fiscal, profundamente negado durante a campanha eleitoral de 2014. Ademais, a crise política agravou-se pelas denúncias de corrupção derivadas da Operação Lava Jato, que, a despeito de ter se demonstrado ser um problema endêmico do Estado e do sistema político, tem como consequência a punição da opinião pública, exclusivamente, ao governo vigente.

Frente a esse panorama tudo sinaliza que o atual período de mais de uma década de hegemonia do Partido dos Trabalhadores (PT) e do centro esquerda está chegando ao seu final. Nas condições normais de alternância que pareciam ter se consolidado na democracia brasileira, tudo pareceria encaminhado para a volta do PSDB e do centro direita ao governo. A esse respeito uma estratégia plausível é que o candidato Aécio Neves aproveitasse o impulso que o resultado eleitoral de 2014 lhe deu para construir um projeto político alternativo e consolidar sua liderança para as eleições presidenciais de 2018. Porém, apesar da própria inércia parecer favorável ao candidato opositor frente aos futuros comícios, Neves decidiu fomentar um cenário de ruptura de consequências incertas, com o objetivo imediato de acabar abruptamente com o atual mandato de Rousseff.

Essa atitude se encaixa no que diferentes cientistas políticos têm definido como estratégia da confrontação. Segundo Maravall (2008), esta estratégia se centra em dois aspectos: o inusitado endurecimento do debate e a concentração da agenda em torno de temas sobre os quais anteriormente existia um consenso tácito para que fossem deixados fora da competição política. Esses temas costumam a ser transversais, com o objetivo, portanto, de explorar a probabilidade de formar maiorias alternativas em torno a questões como a corrupção ou a competência do governo, uma vez que se

OPINIÃO
JUAN VINCENTE BACHILLER CABRIA
É A ESTRATÉGIA DA CONFRONTAÇÃO UMA BOA ESCOLHA?

considera que a competição ideológica no eixo esquerda-direita não favorece os interesses do candidato desafiante.

No caso concreto do Brasil o atual cenário de ruptura institucional responde a este tipo de estratégia, afastando o foco do debate público da dicotomia “maior redistribuição frente a maior liberdade do mercado”, pensando que o eleitor mediano estaria bastante afastado das propostas neoliberais do PSDB. Aliás, responde também a motivos mais viscerais, dado que os setores mais próximos a Neves ainda não tem digerido uma derrota eleitoral acontecida por escassa margem.

Dessa forma, num primeiro momento, e como continuação direta de uma campanha eleitoral de tom elevado por parte de ambas candidaturas, Neves começou a alimentar a possibilidade de estabelecer um processo de impeachment, mediante uma estratégia centrada em duas frentes. A primeira delas tem sido as manifestações contra o governo, que pretendiam ser a continuação dos grandes protestos populares acontecidas em 2013, e resgatar o espírito de mobilização que impulsionou o julgamento político de Collor de Mello em 1992. A segunda frente está nas instituições, principalmente no Parlamento, aproveitando a perda de maioria por parte do governo. Porém, as manifestações, embora massivas, não tem conseguido se estender além dos setores que em outubro de 2014 já apoiaram a Neves nos comícios presidenciais. De outro lado, a frente institucional, uma vez que não existem provas consistentes contra a presidenta, carece das garantias constitucionais mínimas para que possa ser considerado legítimo.

Num curto prazo, a estratégia parece ter rendido já vários frutos, como o domínio da agenda de protestos por parte dos movimentos mais conservadores, tornando em irrelevantes as mobilizações contra o ajuste fiscal realizada pelos sindicatos e movimentos de esquerda. Além disso, tem conseguido debilitar ainda mais as posições do PT, o que, em consequência, facilitaria o caminho para uma nova maioria social conservadora.

OPINIÃO
JUAN VINCENTE BACHILLER CABRIA
É A ESTRATÉGIA DA CONFRONTAÇÃO UMA BOA ESCOLHA?

Porém, ante as incertezas que gera a aventura do impeachment, determinados setores das elites econômicas, cientes de que a credibilidade alcançada pelo país nas últimas décadas encontra-se ameaçada, decidiu dar seu apoio a continuidade institucional. Além disso, a estratégia é arriscada, pois abre duas possibilidades que podem ser bastante prejudiciais no médio prazo para os interesses de Neves. A primeira delas é que, ante o progressivo enfraquecimento do PT, e ao gerar um clima de confrontação que até o momento só tem conseguido reafirmar e radicalizar as posições prévias, se abra a porta para que um outsider possa canalizar as aspirações políticas cada vez mais dos cidadãos indignados carentes de referentes políticos. A este respeito, caberia se perguntar se seria alguém do estilo de Marina Silva, sem uma posição ideológica muito definida, o aglutinador desse descontentamento, ou se será alguém de um perfil mais ideologizado e próximo à extrema direita quem canalize as ondas de descontentamento conservador apoiados por Neves e pelos setores conservadores do PSDB.

A segunda possibilidade é que, ante tal cenário de incerteza, seja resgatada a velha fórmula política da conciliação entre as elites políticas e econômicas, alérgicas a qualquer aventura política, para garantir a continuidade institucional. Esta é uma opção que durante algum momento dos últimos tempos pareceu ganhar força, e que contaria com o PMDB representando um “centro pragmático” e liderando uma candidatura de unidade nacional. Tal candidatura poderia estar até encabeçada por setores da velha guarda mais moderada do PSDB, também pouco afins à deriva de ruptura propiciada pelos setores afins a Neves.

Apesar de que a eleição de 2018 ainda está longe demais e que na atual situação de instabilidade os cenários mudam a uma velocidade vertiginosa, nesse turbulento início de mandato poderiam estar já se configurando as opções para futuros. Em tal situação incerta, poderia ser que o marasmo político acabasse engolindo a alguém mais do que ao PT e a Dilma Rousseff.

OPINIÃO
JUAN VINCENTE BACHILLER CABRIA
É A ESTRATÉGIA DA CONFRONTAÇÃO UMA BOA ESCOLHA?

Referência bibliográfica:

MARAVALL, J. M. La confrontación política. Madrid: Taurus, 2008.